

BOLETIM MENSAL DO ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

MARÇO DE 2026

CCDR
NORTE
Agricultura

Divisão de Programas e Avaliação
Divisões Territoriais da CCDR Norte



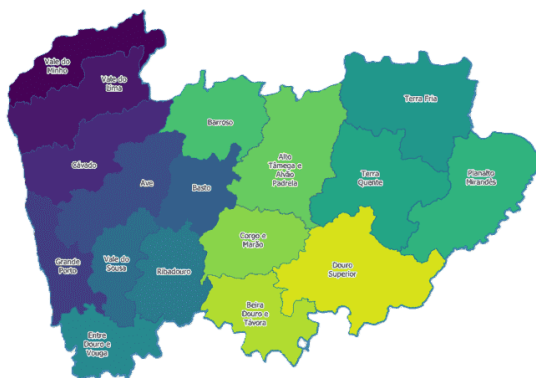
NOTA PRÉVIA

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal supervisionado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) que, desde 1945, disponibiliza informação de carácter previsionar, relativamente a áreas, produtividades e produções globais das principais culturas, ao nível geográfico do Continente. Desde o dia 1 de janeiro de 2024, na Região Norte, a recolha de informação é efetuada pelos técnicos da CCDR Norte distribuídos pelo território, sobretudo das quatro divisões territoriais do Minho, Porto e Douro, Trás-os-Montes e Alto Douro, sob coordenação da Divisão de Programas e Avaliação.

A necessidade da tomada de decisões políticas e económicas a curto prazo, especialmente no contexto específico do setor agrícola, não se coaduna com o tempo de espera por dados obtidos por meio de inquéritos ou de organismos de intervenção económica. Este requisito tem sido cada vez mais evidente nos últimos anos, em consequência do aumento dos efeitos das alterações climáticas. A ocorrência mais frequente de períodos de seca prolongada e eventos meteorológicos extremos requerem uma monitorização contínua do ECPC.

Mensalmente, a CCDR Norte produz este boletim que remete para o INE. Por sua vez, este Instituto, procede à agregação e tratamento da informação a nível do continente, bem como de informação administrativa que se encontre disponível à data, e integra-a no Boletim Mensal de Agricultura e Pescas (INE) que fornece uma visão geral do setor no Continente.

Antes da sua integração nas CCDRs, as Direções Regionais de Agricultura e Pescas foram responsáveis pela monitorização do ECPC durante mais de trinta anos. A coleta de dados era realizada em áreas designadas por "zonas de observação". Estas zonas eram originalmente definidas com base na homogeneidade edafoclimática e coincidiam administrativamente com as então Zonas Agrárias. No entanto, devido a várias reestruturações nos serviços descentralizados do Ministério da Agricultura, as zonas de observação perderam a sua correspondência administrativa. Embora tenha persistido alguma uniformidade no comportamento das culturas nos concelhos de cada zona de observação, o modelo de coleta de dados tornou-se desajustado em termos administrativos.



ZONAS HOMOGÉNEAS

Neste contexto e aproveitando a oportunidade proporcionada pelo Recenseamento Agrícola de 2019 (RA 2019), optou-se por realizar toda a coleta a nível de concelho. Esta mudança facilita a agregação geográfica da informação, nomeadamente por zona de observação (mapa), NUTS III e Sub-Região Agrária.

SIGLAS

CCDR-N	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, I. P.;
EDM	Região Agrária do Entre Douro e Minho;
INE	Instituto Nacional de Estatística;
IPMA	Instituto Português do Mar e da Atmosfera
TM	Região Agrária de Trás-os-Montes

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

Divisão de Programas e Avaliação

Lugar de Codessais - Vila Real

5000-421 - VILA REAL, PORTUGAL

(+ 351 278 260 900 * agrodigital.sia@ccdr-n.pt

<https://agrodigital.ccdr-n.pt/sia/Informação-Agrária/Estado-das-Culturas>

Capa: Ameixeira em flor, 17.03.2026, Lumiares - Armamar

Foto por: Suzana Fonseca

FICHA TÉCNICA

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Rural do Norte, I.P.

Unidade de Desenvolvimento Rural, Agroalimentar e Pescas

Divisão de Programas e Avaliação

Equipa Técnica

Anabela Coimbra

Aurora Alves

Isabel Correia

Jerónimo Côrte-Real Santos

Joaquim Moreira

Maria Laura Cruz

Miguel Martins

Paulo Guedes

Sandra Coelho

Suzana Antunes Fonseca

Coordenação

José Manuel Vieira

Resumo

Março deu uma "folga" ao Norte, quebrando o ciclo de saturação dos solos que tínhamos desde novembro. Foi um mês de transição onde o polo de humidade desceu para sul, deixando o Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes com um regime bem mais moderado, já próximo da tendência para maior secura.

A grande quantidade de chuva de janeiro e fevereiro fez com que a vegetação herbácea (erva e mato fino) crescesse imenso. A segunda quinzena de março foi de sol e vento seco, levando a que esse mato fino secasse completamente, tornando-se altamente inflamável, mesmo que o solo profundo ainda esteja húmido. Como é época de limpezas de terrenos, muitas pessoas aproveitaram o tempo seco para fazer queimadas. Com a vegetação seca à volta, muitas descontrolaram-se e apareceram as primeiras ocorrências de incêndios rurais, já com alguma dimensão.

Ao longo do mês de março, e em resultado da melhoria das condições meteorológicas, foi notória a retoma dos trabalhos um pouco por toda a Região Norte. Os produtores regressaram ao campo para concluir a poda nas culturas permanentes, aplicar o herbicida nas parcelas e nos caminhos (importante para controlar o grande volume de infestantes que se desenvolveu nos últimos meses), aplicar fertilizantes e corretivos ao solo (adubos, matéria orgânica e calcário) e preparar os terrenos para a plantação de hortas, pomares e vinhas.

O aprovisionamento de água para rega mantém-se elevado, garantindo – para já – as necessidades do ano agrícola.

Como previsto no Boletim anterior, março foi o mês do início da floração dos citrinos, dos mirtilos e das cerejeiras, que se juntaram às restantes prunóideas para embelezar a paisagem rural. Se as condições meteorológicas se mantiverem estáveis, prevê-se que a floração/frutificação decorra sem problemas e que a produção destas culturas venha a ser superior à de anos anteriores.

Índice

1	<i>Estado do tempo e sua influência na agricultura</i>	7
1.1	Entre Douro e Minho	7
1.1	Trás-os-Montes	9
2	<i>Fitossanidade</i>	16
2.1	Entre Douro e Minho	16
2.2	Trás-os-Montes	18
3	<i>Cereais Praganosos para grão</i>	20
3.1	Entre Douro e Minho	20
3.2	Trás-os-Montes	21
4	<i>Batata</i>	28
4.1	Entre Douro e Minho	28
4.2	Trás-os-Montes	29
5	<i>Fruticultura</i>	31
5.1	Entre Douro e Minho	31
	Actinídeas (Kiwi)	31
	Citrinos	31
	Prunóideas	33
	Mirtilos	34
5.2	Trás-os-Montes	34
	Citrinos	34
	Amendoeiras, Azeleiras, Nogueiras	35
	Ameixeiras, Cerejeiras, Pessegueiros	41
	Figueiras	45
	Mirtilos	46
	Pomóideas	46
	Sabugueiros	48

6	<i>Vinha</i>	49
6.1	Entre Douro e Minho	49
6.2	Trás-os-Montes	50
7	<i>Olival</i>	52
7.1	Entre Douro e Minho	52
7.2	Trás-os-Montes	53
8	<i>Prados, pastagens e culturas forrageiras</i>	55
8.1	Entre Douro e Minho	55
8.2	Trás-os-Montes	60
9	<i>Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção</i>	67

1 Estado do tempo e sua influência na agricultura

1.1 *Entre Douro e Minho*



Figura 1. Vinha podada e limpa, Padreiro – Arcos de Valdevez, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

O desanuviamento das condições climatológicas, com a chuva espaçada ao longo do tempo, permitiu a drenagem do solo, garantindo as condições para a sua mobilização, para a plantação da batata e para a adubação de cobertura nas culturas forrageiras de outono/inverno.

As prunóideas e as pomóideas estão em plena floração e a alternância das condições do tempo tem originado alguma irregularidade no vingamento das variedades mais precoces. Também as variedades temporãs de mirtilo estão em floração, enquanto as mais tardias ainda se encontram em “ponta verde” ou com os botões florais visíveis.

As vinhas apresentam alguma irregularidade no desenvolvimento vegetativo, conforme a poda foi realizada de forma precoce ou mais tardia. Os estados fenológicos vão desde o “gomo de algodão” até às “folhas livres”. Pontualmente já há cachos visíveis.

Da mesma forma, os pomares de kiwi estão em “ponta verde” ou “folhas visíveis”.

As culturas forrageiras apresentam diferentes estádios de desenvolvimento vegetativo.



Figuras 2 e 3. Rio das Pontes, afluente do Rio Ave, entre o dia 07.03.2026 (esq.) e o dia 21.03.2026 (dir.), sendo perceptível ligeiro aumento de caudal, Sande São Clemente – Guimarães, zona de observação do Ave
Fotos por: Jerónimo Côrte-Real Santos

Os trabalhos de primavera em vinhas e pomares de kiwi e mirtilo, tais como a finalização das podas e empas, as mobilizações do solo, o controlo de infestantes e as fertilizações, decorrem agora com normalidade. A plantação da batata praticamente ainda não se iniciou, mas já são visíveis muitos terrenos a serem preparados. Da mesma forma, estão a iniciar-se os trabalhos nas hortas familiares.

Têm igualmente decorrido queimadas de resíduos agrícolas, quando devidamente autorizadas.

A albufeira e a barragem do Lindoso estão com níveis elevados de água, tal como os restantes rios da região.

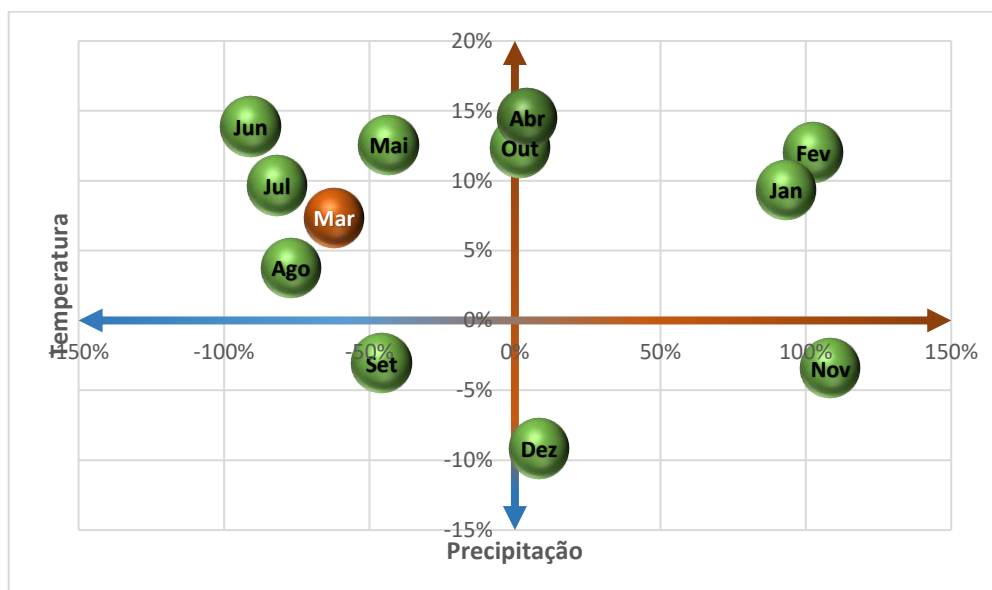


Figura 4. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada no Entre Douro e Minho durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

1.1 Trás-os-Montes



Figura 5. Confluência do Rio Pinhão no Rio Douro, com a vila do Pinhão à esquerda, o concelho de Sabrosa à direita e o concelho de S. João da Pesqueira em fundo, 17.03.2026, Região Demarcada do Douro

Foto por: Suzana Fonseca

Com a chegada da primavera meteorológica, no início do mês de março, registou-se um aumento gradual da luminosidade, bem evidente na duração dos dias.

Com alguma instabilidade própria da época, traduzida por dias com temperaturas elevadas e início de manhãs e noites frias – descrita a Norte como “Março, Marçagão, manhãs de inverno, tardes de verão” – o mês ficou marcado pela melhoria significativa do estado do tempo, com uma acalmia nas condições meteorológicas, face aos extremos dos meses anteriores. A melhoria sentiu-se essencialmente na subida das temperaturas e na diminuição da precipitação e do vento.

As temperaturas máximas atingiram os 23°C no dia 17 de março, com as mínimas a descerem até aos 2,2°C no final do mês. A partir do dia 10 de março a precipitação foi praticamente nula nas três comunidades intermunicipais da Região Agrária.

Na Terra Fria a primeira semana do mês contou com dias frescos, com acentuadas oscilações térmicas. Entre os dias 10 e 20 os dias foram soalheiros e amenos, tipicamente primaveris, mas a chegada da tempestade “Therese” trouxe novamente o frio e a chuva, ainda que em valor acumulado inferior à normal climatológica. Na última semana do mês as temperaturas voltaram a subir e as noites ficaram mais amenas.

No Planalto Mirandês o cenário foi idêntico, alternando dias nublados com dias de sol e temperatura a atingir os 18°C. A precipitação também ficou muito aquém dos valores do mês anterior.

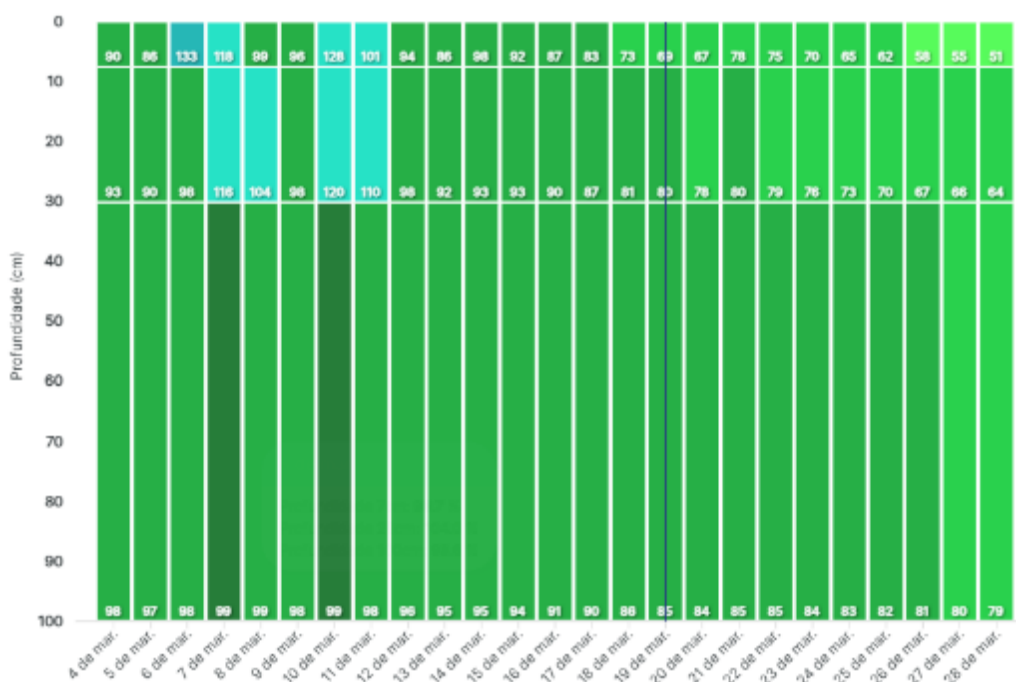


Figura 6. Percentagem de água no solo no distrito de Vila Real, durante o mês de março de 2026
 Fonte: IPMA

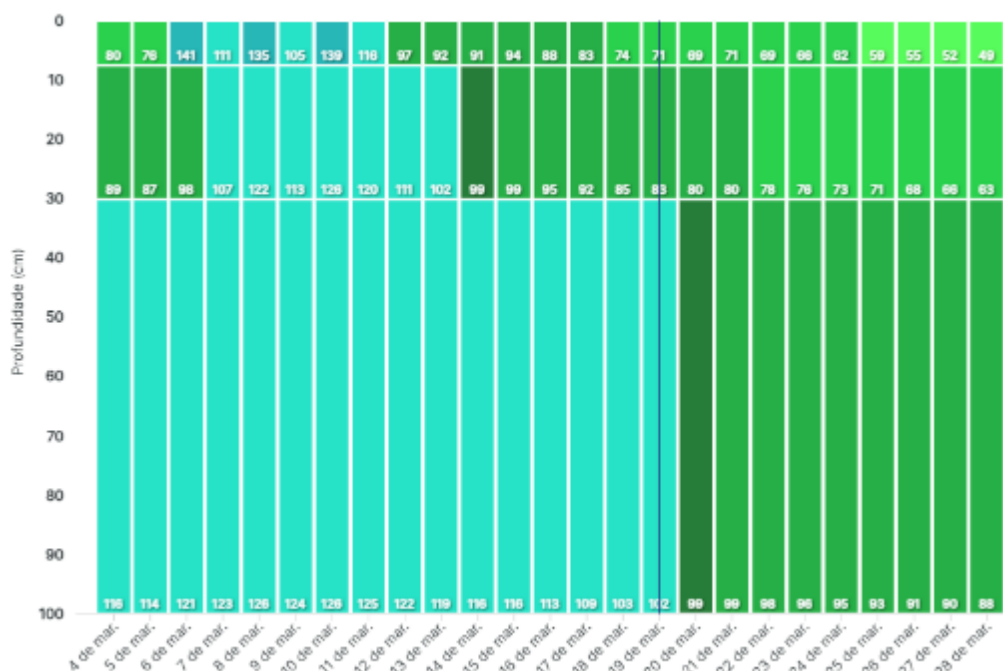


Figura 7. Percentagem de água no solo no distrito de Bragança, durante o mês de março de 2026
Fonte: IPMA

Com o aumento da **Evapotranspiração de Referência (ET_0)**¹, que atingiu um pico médio diário de 3,2mm no distrito de Vila Real e de 3,5mm no distrito de Bragança, a quantidade de água no solo começou a descer gradualmente, em particular nos primeiros 10cm à superfície (ver figuras 6 e 7), com os valores a profundidades maiores a manterem-se elevados e em demasia para as exigências hídricas das culturas.

Na [plataforma agroclimática](#), o IPMA² emitiu alguns avisos de ventos forte e geada para a região (ver figura 8), destacando-se ainda os primeiros alertas de risco de ocorrência de mildio na região Sul.

Embora o estado de desenvolvimento da vinha a Norte ainda não justifique (por estar mais atrasada), face à grande quantidade de humidade, água no solo e inóculo do ano anterior, a partir desta fase aconselha-se a que os produtores mantenham o estado de alerta para a ocorrência desta doença, procedendo de acordo com as Circulares de Avisos Agrícolas enviadas pela CCDR-N.

¹ Quantidade de água que passa para a atmosfera (evapora) a partir do solo ou das plantas, desde que a superfície desse solo seja completamente coberta por relva. É independente do tipo de cultura.

² Instituto Português do Mar e da Atmosfera

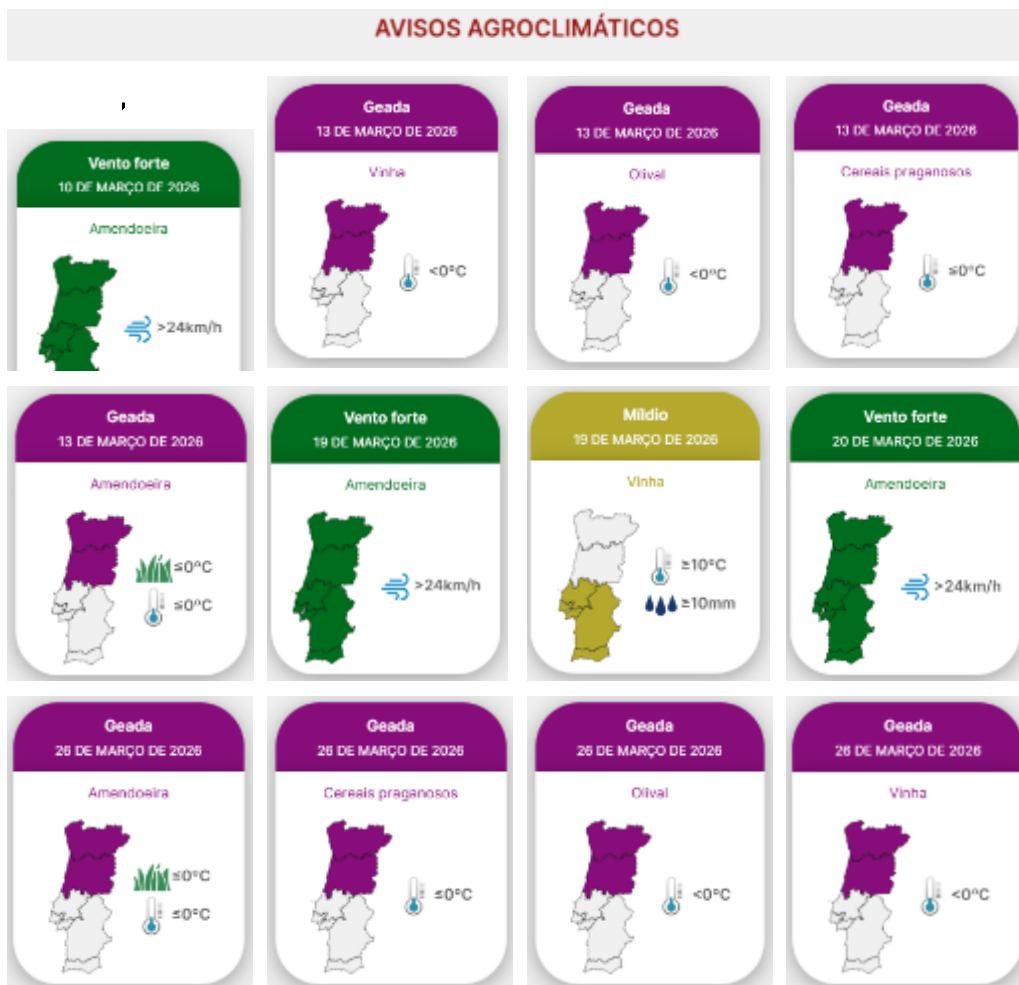


Figura 8. Avisos agroclimáticos emitidos pelo IPMA ao longo do mês de março

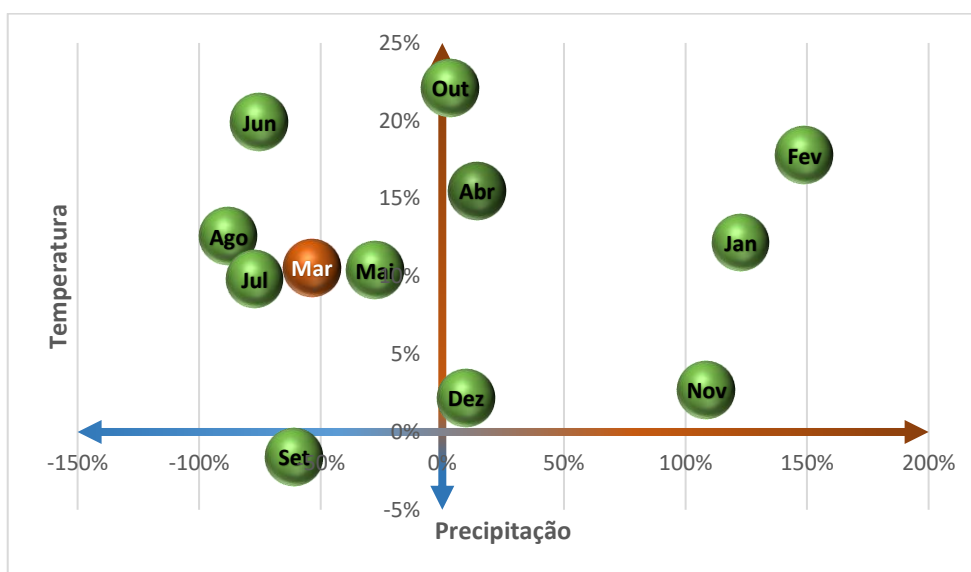


Figura 9. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada em Trás-os-Montes durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

Os níveis dos principais rios regressaram a valores considerados normais, deixando de representar constrangimentos para a população ou para a atividade agrícola.



Figuras 10 e 11. Rio Douro na barragem de Bagaúste a 24.02.2026 (cima) e a 17.03.2026 (baixo), Peso da Régua
Fotos por: Suzana Fonseca

Os principais aproveitamentos hidroagrícolas da região transmontana encontram-se a 100% do Nível de Pleno Armazenamento (NPA), tal como em igual período dos 3 anos anteriores, assegurando a rega nas respetivas áreas de influência.

Na Terra Fria as barragens e todo o tipo de reservatórios de água existentes encontram-se em pleno armazenamento. As obras de limpeza e melhoria das infraestruturas nas barragens de Prada e de Gostei ainda decorrem e a capacidade de armazenamento está na cota máxima, tal como em igual período do ano anterior (ver fotos 12 a 15).



Figura 12. Barragem de Gostei, 14.03.2025, Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 13. Barragem de Gostei, 18.03.2026, Bragança



Figura 14. Barragem de Prada, 17.03.2025, Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 15. Barragem de Prada, 20.03.2026, Vinhais

No Planalto Mirandês as barragens encontram-se na sua capacidade máxima e, de forma geral, os reservatórios destinados à rega também.



Figuras 16 e 17. Barragem de Penas Roias, em pleno armazenamento e a vazar, 11.03.2026, Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins

O mesmo se pode dizer dos poços e das reservas no subsolo, com as linhas de água, pequenas ou médias, a manterem o caudal. Na superfície das parcelas situadas em zonas mais planas ainda é visível água.



Figuras 18 e 19. Barragem de Penas Róias a transbordar, mas com caudal ligeiramente inferior ao atual 19.03.2025, Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Também a barragem de Temilobos, no concelho de Armamar, se mantém à cota máxima, com o sumidouro a registar um caudal elevado (ver fotos 20 e 21).



Figuras 20 e 21. Barragem de Temilobos, 17.03.2026, Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca

Na Terra Quente a Barragem de Vale de Madeiro encontra-se em níveis de pleno armazenamento, à semelhança do que acontecia em igual período do ano anterior.



Figuras 22 e 23. Barragem de Vale de Madeiro, em março de 2025 (esq.) e em março de 2026 (dir.), Mirandela
Fotos por: Paulo Guedes

2 Fitossanidade

2.1 *Entre Douro e Minho*

Aplicaram-se as medidas preventivas preconizadas contra podridões radiculares e do colo do tronco em culturas permanentes.



Figura 24. Aplicação de produtos específicos (na imagem vê-se uma espuma), para o controlo da PSA no kiwi, variedade "Dori" (amarelo), Santa Maria da Feira, zona de observação do Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia

A subida das temperaturas nos últimos dias do mês originou rápido crescimento nos rebentos da vinha, pelo que os viticultores estão agora a realizar o primeiro tratamento fitossanitário (preventivo) para o controlo do Míldio. Na zona de observação do Ribadouro e Sousa estão a iniciar o primeiro tratamento para a Escoriose, não havendo informação sobre tratamentos contra o Míldio.

Na cultura do kiwi, em especial na variedade amarela, recorre-se a medidas preventivas, com aplicação de produtos específicos para o controlo da PSA, duas vezes por semana. A elevada e persistente humidade do ar na região é muito favorável à infeção das plantas por esta doença.

Na cultura do mirtilo já se realizaram tratamentos para combater a Podridão Cinzenta (*Botrytis* spp.) nas variedades mais precoces, atualmente nos estados de plena floração e vingamento (variedade "Legacy").

O aspeto da aveia forrageira não é o melhor, devido a fortes ataques de Ferrugem, causada pelo patógeno *Puccinia graminis* ou *P. coronata*, com as pústulas a atingirem toda a superfície foliar. Além da redução da produção, ataques desta natureza afetam a qualidade nutricional e a "palatabilidade" das plantas.



Figuras 25 e 26. Aspeto da aveia forrageira com forte ataque de ferrugem, causada pelo patógeno *Puccinia graminis* ou *P. coronata*, Oliveira de Azeméis, zona de observação do Entre Douro e Vouga

Fotos por: Isabel Correia

A Estação de Avisos do EDM emitiu a Circular 3/2026 no dia 13 de março, com referência à evolução das principais doenças e pragas e sugestões de abordagens diferenciadas, em função dos diferentes estádios das culturas.

Nesta Circular são feitas recomendações para as culturas da vinha, dos pequenos frutos, pomóideas e ornamentais.

A partir da página 12 são apresentadas listas de fungicidas homologados no ano de 2026, para o combate às Escorioses Americana e Europeia da videira e à Podridão Cinzenta do mirtilo. São também apresentadas listas de inseticidas homologados para o combate à Traça da Uva e à Traça-do-Buxo (*Cydalima perspectalis*).

2.2 Trás-os-Montes

Em termos fitossanitários, prevê-se que 2026 venha a representar um desafio para os produtores agrícolas da Região Norte, uma vez que os atuais níveis de humidade do solo e do ar são propícios ao desenvolvimento de inúmeras doenças criptogâmicas. Esta situação é particularmente preocupante nas parcelas que no ano passado foram infetadas com Pedrado (*Venturia inaequalis*), Míldio da batateira (*Phytophthora infestans*), Míldio (*Plasmopara viticola*) e Oídio (*Erysiphe necator*) da videira (entre outras), face ao aumento do risco pela presença de inóculo.

A precipitação intensa e prolongada durante o inverno também poderá favorecer infeções das chamadas Doenças do Lenho da Videira – Escoriose (*Phomopsis viticola*) e Botriosferiose (*Botryosphaeria* spp.) – em parcelas de vinha com inóculo do ano anterior, pelo que se preconiza a realização dos tratamentos na fase inicial do ciclo vegetativo das plantas (à saída das folhas).

Neste momento, consideramos estarem reunidas as condições ideais para a aplicação de fungicidas preventivos para o Pedrado nos pomares de macieiras e para as Doenças do Lenho da videira.

Na Terra Fria não houve, até à data, relatos dos produtores ou observações em campo de ocorrências que possam colocar em causa a fitossanidade das principais culturas da região. Contudo, o risco de ocorrência de alguns fungos e insetos durante o ciclo vegetativo das culturas levou os produtores de prunóideas (amendoeiras, ameixeiras e pessegueiros, ...) a decidir aplicar um fungicida após a floração, antes da emergência das folhas, para prevenir possíveis ataques de Lepra do Pessegueiro (*Taphrina deformans*) e de Moniliose (*Monilinia* spp.) na amendoeira e na cerejeira.

As pomóideas (macieiras, pereiras e nespereiras) são culturas com pouca representatividade na região e os produtores não lhes dão grande importância, nem fazem aplicações de fitofármacos contra o Pedrado.

Muito pontualmente, verifica-se a aplicação de fungicidas cúpricos e de pastas cicatrizantes nos castanheiros, com os produtores de castanha a começar a tomar consciência dos graves problemas fitossanitários da cultura e a intensificar os tratamentos.

No dia 03 de março a Estação de Avisos do Norte Transmontano emitiu a Circular 3/2026, com informações acerca dos meios de luta preventiva que devem ser considerados no combate ao *Xyleborus díspar* nos castanheiros e aos Nemátodes de Quisto da Batateira (*Globodera rostochiensis* e *Globodera pallida*).

A 06 de março foi emitida a Circular 02/2026 pela Estação de Avisos da Terra Quente, alertando para a temática da Manutenção do solo em Olival e Amendoal e para o controlo de infestantes através da luta química, controlo biológico e coberto vegetal semeado. Esta Circular continha ainda um alerta para a Renovação dos cartões de aplicação de produtos fitofarmacêuticos.

As Estações de Avisos do Douro e do Norte Transmontano emitiram, a 13 de março, as Circulares 02/2026 e 04/2026, respetivamente, visando os cuidados a ter com as Doenças do Lenho da Videira – Escoriose e Botriosferiose.

Todas as Circulares das Estações de Avisos contêm as listas dos produtos fitofármacos homologados para utilizar nas culturas nelas referenciadas, de acordo com o publicado na plataforma SIFITO, da Direção Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV).

Para mais informação, pode consultar o Serviço Nacional de Avisos Agrícolas em:

[Circulares da Estação de Avisos](#)

3 Cereais Praganosos para grão

3.1 Entre Douro e Minho



Figuras 27 e 28. Aveia para grão no início do ciclo vegetativo, março 2025 (esq.) e março 2026 (dir.), com semelhante desenvolvimento vegetativo, Valença, zona de observação do Minho

Fotos por: Aurora Alves

Na zona de observação do **Minho**, apesar da sementeira de aveia para grão ter sido realizada mais tarde que em 2025, não é visível diferença significativa no seu desenvolvimento vegetativo.

A melhoria das condições meteorológicas já permitiu a preparação do solo para as sementeiras, mas nem todos os produtores habituais vão semear fora da época própria para o ciclo da cultura, invocando até o ditado popular que diz *“rapariga que casa tarde, não dá palha nem espiga”*.

Em outubro tinham sido iniciadas algumas sementeiras de aveia grão, que foram interrompidas pela chuva, tendo sido retomadas no início deste mês.

As searas semeadas em outubro estão no início do afilhamento, embora em algumas regiões estejam menos desenvolvidas que no ano passado. Com o fim da precipitação, realizaram-se a adubação de cobertura e a aplicação de herbicida para controlo das infestantes. Nem todos os produtores realizam estas operações culturais.

Nas sementeiras realizadas recentemente a emergência foi regular, em resultado dos períodos de chuva e das temperaturas amenas.

É perceptível a crescente falta de interesse por parte dos agricultores de empresas familiares, na realização de sementeiras de cereais. As sementes utilizadas são habitualmente selecionadas a partir da produção do ano anterior.



Figura 29. Campo de centeio, Carreço – Viana do Castelo, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

A previsão aponta para uma diminuição da produtividade da aveia grão (-10%), quando comparada com a do ano anterior. Para o trigo e centeio, prevê-se que os valores se mantenham iguais.

3.2 Trás-os-Montes

Os cereais de outono/inverno da área de observação da Terra Fria apresentam fraco desenvolvimento vegetativo, quando comparados com o mesmo período do ano anterior. Regista-se uma ligeira desvantagem, quer no desenvolvimento vegetativo quer na sua aparência.

Os solos já drenaram o excesso de água e os produtores de cereais aproveitaram para realizar a adubação de cobertura (ver foto 30). Aguardam agora a estabilização das condições meteorológicas e a melhoria do desenvolvimento vegetativo das plantas, resultante da aplicação do adubo azotado.



Figura 30. Aplicação de adubo no cereal de out/inv, São Julião de Palácios - Bragança

Foto por: Anabela Coimbra

Os produtores de aveia e de trigo deixam transparecer um pouco de preocupação com estas culturas, seja para forragem ou para grão, pois apresentam fraco desenvolvimento vegetativo.

As condições meteorológicas da primavera vão ser determinantes para a recuperação destas culturas, sendo expectável que a subida das temperaturas (máxima e mínima), aliada à disponibilidade hídrica dos solos e à aplicação da adubação de cobertura, promova a recuperação das plantas, com a fase de alongamento a decorrer rapidamente e em boas condições. No entanto, os produtores são unânimes na opinião de que esta campanha não será tão produtiva para os cereais como a anterior.



Figura 31. Cereais de out/inv, 14.03.2025, Deilão - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 32. Cereais de out/inv, 18.03.2026, Deilão - Bragança
MESMA ZONA DE OBSERVAÇÃO (CENTEIO)



Figura 33. Cereais de out/inv (aveia), Vale de Armeiro – Vinhais



Figura 34. Cereais de out/inv (aveia), S. Julião – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

Os responsáveis comerciais locais, que vendem os adubos, declaram que a procura e as quantidades comercializadas para adubar convenientemente a área semeada com estas culturas, foram inferiores às do ano anterior.

No **Planalto Mirandês**, não obstante se registre uma leve recuperação nas últimas semanas no que diz respeito aos cereais de outono-inverno, é visível que o desenvolvimento vegetativo destas culturas está um pouco atrasada face ao mesmo período do ano anterior. Não chegou a ser notório o amarelecimento das plantas (devido ao frio e excesso de água nos solos), mas em campo constata-se que estão mais pequenas do que estariam em março do ano passado. No entanto, se as condições de humidade do solo se mantiverem, pode até vir a ser benéfico em eventuais meses mais secos, graças ao maior desenvolvimento das raízes que ocorreu nas últimas semanas.



Figuras 35 e 36. Parcela de triticales com pormenor das plantas, 11.03.2026, Tó – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 37 e 38. Mesma parcela de tritcale das fotos anteriores, 15.02.2026, Tó - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 39 e 40. Parcela de trigo em 09.02.2026 (esq.) e em 11.03.2026 (dir.), Prado Gatão - Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 41 e 42. Pormenor das plantas de trigo da mesma parcela das fotos anteriores em 09.02.2026 (esq.) e em 11.03.2026, Prado Gatão - Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 43 e 44. Parcela de trigo em 15.02.2026 (esq.) e em 11.03.2026 (dir.), Vila de Ala - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 45 e 46. Pormenor das plantas de trigo da mesma parcela das fotos anteriores em 15.02.2026 (esq.) e em 11.03.2026, Vila de Ala - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Os solos permitem, a pouco e pouco, a entrada de máquinas no campo, a fim de aplicar os fertilizantes que irão disponibilizar os nutrientes fundamentais nesta fase do ciclo de desenvolvimento das plantas.

De um modo geral, os cereais da **Terra Quente** apresentam bom aspeto vegetativo, excetuando-se algumas parcelas situadas em solos de baixas ou nas imediações dos cursos de água (nestes casos o excesso de água provocou algum amarelecimento das searas, o que em casos de maior gravidade ou persistência levou à asfixia radicular e conseqüente morte das plantas), Nas zonas mais declivosas os terrenos enxugaram com relativa facilidade e os cereais apresentam-se bem desenvolvidos e em bom estado sanitário.



Figuras 47 e 48. Aspeto dos cereais em fevereiro (esq.) e em março (dir.), Ensaio no Polo de Inovação. Mirandela
Fotos por: Paulo Guedes



Figuras 49 e 50. Aspeto dos cereais em fevereiro de 2026 (esq.) e em março de 2026 (dir.), Mirandela
Fotos por: Paulo Guedes

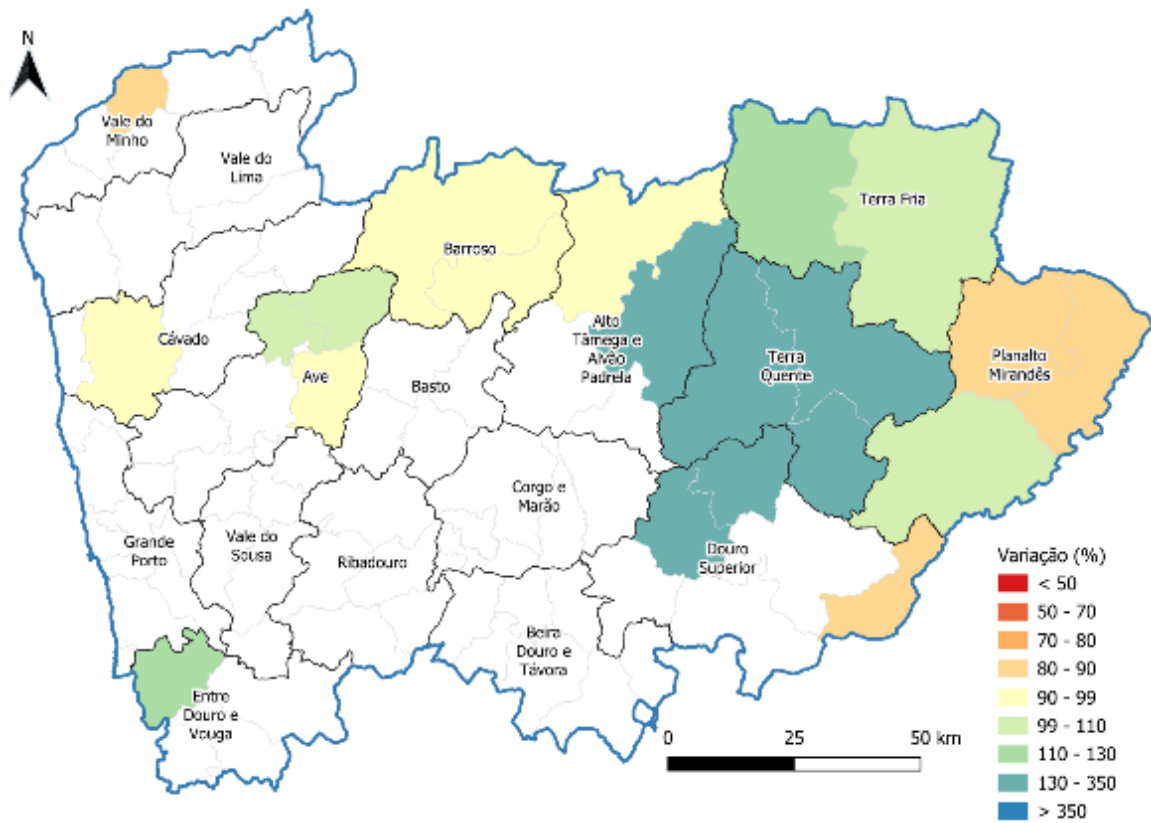


Figuras 51 e 52. Parcela semeada com centeio em fevereiro de 2026 (esq.) e em março de 2026 (dir.)
Fotos por: Paulo Guedes

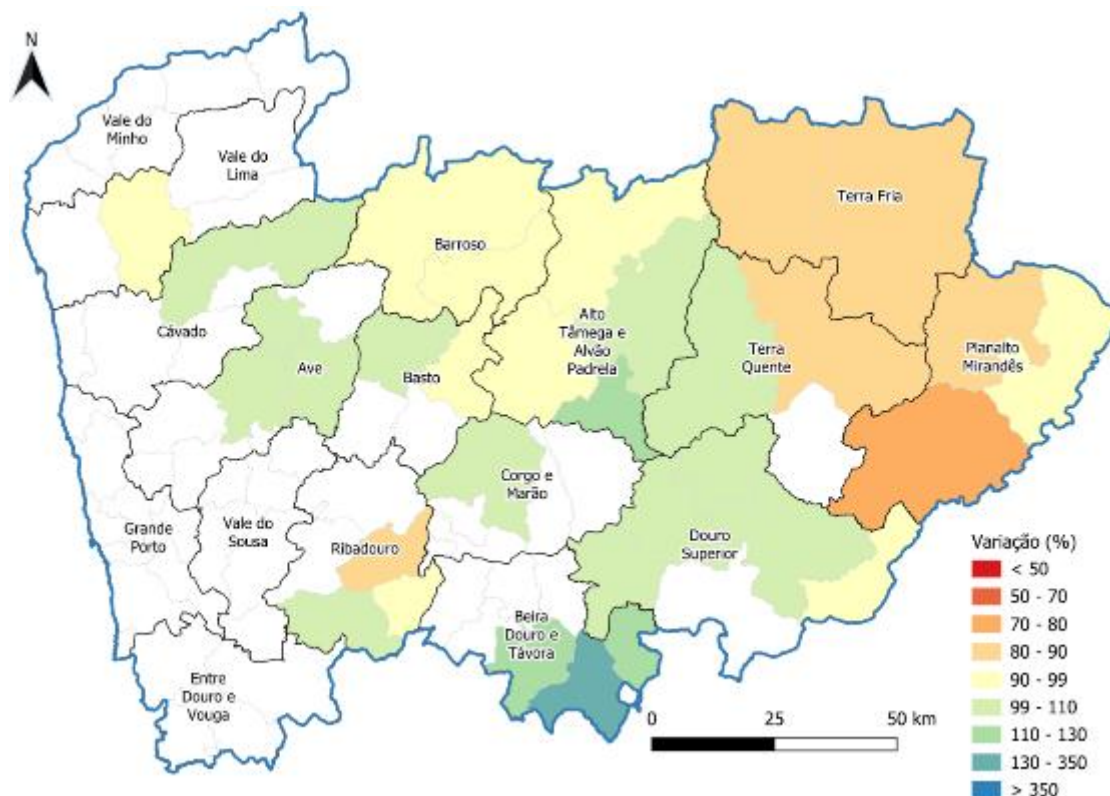


Figuras 53 e 54. Parcelas semeadas com cereais e presença de joaninha de sete pintas (inseto auxiliar), março 2026

Fotos por: Paulo Guedes



Mapa 1. Evolução da produtividade de aveia grão por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025



Mapa 2. Evolução da produtividade de centeio grão por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

4 Batata

4.1 Entre Douro e Minho

As condições meteorológicas de janeiro e fevereiro, com muita chuva e solos encharcados, resultaram numa baixa procura de batata de semente, pelo que houve acumulação de *stock* nos pontos de venda, com a batata a começar entretanto a abrolhar (regionalmente também é costume dizer-se “galhar”).

Na zona de observação de **Ribadouro e Sousa**, a melhoria das condições sentidas nos últimos dias de março e a preocupação com a subida dos preços dos bens alimentares, gerou um aumento da procura de batata de semente, enquanto em outras zona do Entre Douro e Minho se tem registado uma diminuição na procura.

A previsão é para uma diminuição da área plantada com batata, mais acentuada na batata de sequeiro (-4%) do que na batata de regadio (-2%).



Figura 55. Horta familiar (batata de sequeiro em consociação com couve-galega), Terras de Bouro, zona de observação do Cávado
Foto por: Maria Laura

4.2 *Trás-os-Montes*

A cultura da batata está neste momento a ser instalada pelos produtores. Foi necessário aguardar que os solos drenassem o excesso de água, antes de realizar as diferentes operações culturais que antecipam a plantação. Neste momento está a ser plantada a batata em regime de sequeiro (batata “do cedo”), com a batata de regadio a ser plantada mais tarde.

Em muitos locais constata-se que as parcelas ainda nem foram mobilizadas (são visíveis culturas precedentes como o nabo) e outras só no final do mês começaram a ser preparadas. As plantações da batata temporã estão atrasadas em relação ao ano anterior e é difícil encontrar batatais nascidos.

A **Terra Quente** constitui uma exceção, na medida em que os produtores conseguiram realizar a plantação mais cedo – os solos drenaram mais rapidamente, permitindo a sua mobilização. Ainda encontramos muitas parcelas a ser preparadas, mas já é possível encontrar algumas batatas em pós-emergência, prevendo-se a colheita para o início de junho ou meados de julho.



Figura 56. Plantação de batata em horta familiar, para colheita em início de junho

Figura 57. Plantação de batata para colheita em meados de julho

Fotos por: Paulo Guedes

No **Planalto Mirandês** e no **Douro Sul** o atraso na plantação é de cerca de duas semanas em relação ao ano anterior, prevendo-se que a área seja semelhante à de 2025, pois trata-se de batata produzida essencialmente para consumo próprio.

Os comerciantes da **Terra Fria** que vendem batata de semente declararam que, para já, a procura é baixa, de um modo geral. Quando inquiridos, alguns produtores afirmam que este ano tencionam plantar menos área, justificando que a batata apresenta baixo poder de conservação (resultante do excesso de água e da ocorrência de pragas e doenças). A maioria dos produtores declara que apenas irão cultivar uma área para autoconsumo, prevendo-se por isso que este ano a área total seja ligeiramente inferior à do ano anterior – esta tem sido aliás a tendência verificada no Pedido Único, que regista uma redução de área ano após ano, em grande parte dos concelhos transmontanos.

5 Fruticultura

5.1 Entre Douro e Minho

Actinídeas (Kiwi)

Os pomares de kiwi situam-se, de um modo geral, no estado fenológico D – “ponta verde”, observando-se já, em alguns casos, “folhas visíveis” (estado E).

Na zona de observação de **Entre Douro e Vouga**, a variedade “Dori” (kiwi amarelo), mais temporã, está no início do abrolhamento – mesmo estado fenológico de igual período do ano passado.



Figura 58. Início do abrolhamento (estado E – folhas visíveis) da variedade “Dori” (kiwi amarelo), Santa Maria da Feira, zona de observação de Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia

Citricos

O estado fenológico das culturas permanentes é sensivelmente o mesmo ao de idêntico período do ano anterior.



Figura 59. Laranjeira no início da floração, Vila Nova de Cerveira, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

Nas zonas de observação do **Minho** e do **Ave** os citrinos já estão em floração, com uma quantidade normal de inflorescências.

Nas zonas de observação do **Vale do Sousa** e de **Ribadouro** terminou a colheita da tangerina. A colheita de laranja iniciou-se mais cedo e já está na fase final, sendo que boa parte caiu no chão. Também nas zonas de observação do **Entre Douro e Vouga** e do **Grande Porto** a tangerina já foi praticamente toda colhida e decorre o início da colheita da laranja.

Pela elevada carga de frutos, o calibre das laranjas é muito pequeno. Os limoeiros estão carregados de limões com um amarelo muito homogéneo (tal como no ano passado, em que houve uma boa produção), mas por falta de tratamentos fitossanitários de combate ao Míldio, alguns apodrecem nas árvores. O elevado teor de água no solo baixou o teor de açúcar nos frutos.

Prunóideas



Figura 60. Pessegueiro na fase da floração, Braga, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura

O tempo soalheiro que se fez sentir nos últimos dias do mês proporcionou boas condições de floração das prunóideas (e das pomóideas), o que, juntamente com o somatório de horas de frio, cria boas expectativas de produtividade para estas culturas.



Figuras 61 e 62. Cerejeiras em flor, 23.03.2026, Resende

Fotos por: Joaquim Moreira

Em Resende, zona de observação de **Ribadouro**, o final do mês de março proporcionou um belo cenário de floração homogénea e exuberante das cerejeiras (ver fotos 61 e 62).

Mirtilos

Na zona de observação do **Minho**, as variedades mais precoces de mirtilo existentes na região, como a “Duke”, a “O’Neill” ou a “Legacy”, estão em floração, enquanto nas mais tardias, como a “Brigitta”, a “Draper” ou a “Liberty”, os botões florais ainda estão a aparecer. Aparentemente a carga floral é boa e está a ter, neste último período, boas condições para vingar.

No **Entre Douro e Vouga** e no **Grande Porto**, já é possível encontrar – em pomares mais próximos do litoral – fruto vingado na variedade “Legacy”. Pontualmente, ainda decorrem podas nas variedades tardias, em zonas mais frias.



Figura 63. Pomar de mirtilo da variedade “O’Neill” já com o fruto vingado, março de 2025
Fotos por: Aurora Alves



Figura 64. Mesmo pomar e mesma variedade, ainda em floração, março de 2026

5.2 Trás-os-Montes

Citrinos

Os pomares de citrinos em TM são essencialmente para autoconsumo, pelo que ainda é possível encontrar muita fruta a ser colhida.

Simultaneamente, nos locais mais quentes, localizados a cotas mais baixas, já é possível encontrar árvores a iniciar a fase de floração.



Figuras 65 e 66. Citrinos a iniciar a floração, 19.03.2026, Barqueiros – Mesão Frio

Fotos por: Artur Santos

Os relatos são de que este ano o fruto está sumarento e apresenta produção semelhante à do ano anterior, ainda que com menor calibre, apontando como causas prováveis o facto do solo ter estado encharcado, inibindo a planta de absorver os nutrientes devidamente.

Amendoeiras, Avelheiras, Nogueiras

Evidenciando-se na paisagem pelos seus pomares alinhados e pela flor que tingem de branco e rosa as parcelas, a **amendoeira** continua a ser uma das principais protagonistas nos campos da região transmontana.

No **Planalto Mirandês** outras culturas permanentes iniciaram já o seu ciclo vegetativo, mas a amendoeira – após atingir as horas de frio necessárias à entrada em plena floração – sobressaiu durante as últimas semanas com uma floração abundante e temporalmente concentrada, gozando de um bom estado vegetativo e ligeiramente adiantada, face a igual período de março de 2025. Se a cultura não for entretanto fustigada com chuvas fortes ou geadas tardias que tombem ou queimem a flor, podemos estar perante um ano de boa produção.

Nos amendoais podemos ouvir um zumbido omnipresente, produzido pelas tão importantes abelhas durante a polinização, fator essencial no vingamento dos frutos.



Figuras 67 e 68. Parcela de amendoal em 18.03.2025 (esq.) e em 12.03.2026 (dir.), Castelo Branco – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 69 e 70. Parcela de amendoal jovem em 18.03.2025 (esq.) e em 12.03.2026 (dir.), Castelo Branco – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 71 e 72. Pormenor da flor na mesma parcela das fotos anteriores, em 18.03.2025 (esq.) e em 12.03.2026 (dir.), Castelo Branco – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 73. Parcela de amendoal em floração, 17.03.2026, Valverde – Mogadouro

Foto por: Miguel Martins



Figura 74. Parcela de amendoal em floração, com controlo de vegetação na entrelinha, 17.03.2026, Valverde – Mogadouro

Foto por: Miguel Martins



Figuras 75 e 76. Pormenor de abelha a contribuir para a polinização (esq.) e pormenor de flor de amendoeira (dir.), em 11.03.2026, Penas Roias e Castelo Branco – Mogadouro (respetivamente)

Fotos por: Miguel Martins

As amendoeiras da **Terra Fria** entraram em plena floração em março (ver fotos 77 e 78), temporalmente mais tarde que no ano anterior. Observa-se maior quantidade de flores, conforme se comprova pelas fotografias 79 e 80, tiradas na mesma amendoeira em anos diferentes. A floração decorre em boas condições climatológicas.



Figuras 77 e 78. Amendoeiras em plena floração, 13.03.2026, Curopos – Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 79. Plena floração das amendoeiras, 20.03.2025,
Milhão – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 80. Plena floração das amendoeiras, 18.03.2026,
Milhão – Bragança
MESMA PARCELA, MESMA PLANTA

Durante o mês de março na **Terra Quente**, encontrámos as amendoeiras em duas fases distintas – as mais temporãs com os frutos já vingados, prevendo-se uma boa produção, e as mais tardias a terminar a floração.



Figuras 81 e 82. Amendoeiras em flor, Sambade – Alfândega da Fé
Fotos por: Paulo Guedes



Figuras 83 e 84. Amendoeirais com frutos vingados, Vilarica – Alfândega da Fé

Fotos por: Paulo Guedes

O estado vegetativo das **aveleiras** da **Terra Fria**, no final do mês de março, foi idêntico ao do ano anterior, apresentando a inflorescência masculina em senescência e começando a ver-se os gomos vegetativos em destaque (ver fotos 85 e 86).



Figura 85. Aspeto dos gomos vegetativos na cultura da avelã, março 2025, Gostei - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 86. Aspeto dos gomos vegetativos na cultura da avelã, março 2026, Gostei - Bragança

MESMA PARCELA, ANOS DIFERENTES

Nas **nogueiras** já se observam os gomos da flor masculina e os gomos vegetativos tumescentes (ver fotos 87 e 88). Mas em parcelas com desenvolvimento mais atrasado, ainda é possível encontrar produtores a terminar tarefas como a poda de manutenção e a reposição de plantas mortas.



Figuras 87 e 88. Aspeto de um pomar de nozeiras e dos seus gomos vegetativos, Gostei – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

Ameixeiros, Cerejeiras, Pessequeiros

A subida da temperatura do ar proporcionou um bom desenvolvimento das ameixeiros, que durante o mês de março entraram em plena floração. O processo decorreu nas melhores condições meteorológicas, com as árvores mais precoces a apresentar um bom vingamento dos frutos, antevendo-se uma boa produção.



Figura 89. Pomar de ameixeiros em plena floração, 17.03.2026, Lumiares – Armamar

Foto por: Suzana Fonseca



Figuras 90 e 91. Ameixeira em plena floração, 24.02.2026 (esq.) e com frutos vingados, 17.03.2026 (dir.), Penajóia - Lamego
Fotos por: Suzana Fonseca

Também as **cerejeiras** entraram em floração este mês, com a freguesia da Penajóia a liderar a sub-região do Douro Sul, fazendo jus à classificação de “primeiras cerejas da Europa”.



Figuras 92 e 93. Cerejeiras em floração, 17.03.2026, Penajóia - Lamego
Fotos por: Suzana Fonseca

No resto da sub-região a floração iniciou-se mais tarde, com todos os pomares a apresentarem-se entre os estados fenológicos do abrolhamento e início da floração.



Figuras 94 e 95. Cerejeiras a iniciar a floração, 17.03.2026, Britiande - Lamego

Fotos por: Suzana Fonseca

Durante o mês de março, na zona da Vilarça (**Terra Quente**) foi possível encontrar prunóideas em diferentes estados fenológicos, desde o botão inchado até ao vingamento e desenvolvimento do fruto, dependendo da espécie e da variedade. Os pessegueiros, nectarinas e cerejeiras encontram-se entre a plena floração e a queda das pétalas, dependendo das variedades e da localização dos pomares.



Figura 96. Pomar de pessegueiros em floração, março 2026, Vilarça

Foto por: Paulo Guedes



Figura 97. Pomar de pessegueiros em floração, início de março 2026, Vilarça
Foto por: Paulo Guedes



Figura 98. Pomar de pessegueiros no vingamento dos frutos, final de março 2026, Vilarça
MESMO POMAR



Figura 99. Pessegueiros em floração, início de março 2026, Vilarça
Foto por: Paulo Guedes



Figura 100. Pessegueiros com frutos vingados, final de março 2026, Vilarça
MESMO POMAR

Nas parcelas não tratadas, encontramos plantas com sintomas de ataque de Lepra, devido ao excesso de pluviosidade.



Figura 101. Sintomas de Lepra nos pessegueiros, março de 2026, Vilarça
Foto por: Paulo Guedes

Figueiras

Também as figueiras, enquanto culturas tipicamente mediterrânicas, iniciaram o seu ciclo vegetativo no mês de março, um pouco por toda a região transmontana. Para além das primeiras folhas, estas fruteiras emitem de imediato os pequenos figos, bem visíveis nos ramos ainda despídos.



Figura 102. Figueira no início do ciclo vegetativo, 17.03.2026, Penajóia
Foto por: Suzana Fonseca



Figuras 103 e 104. Figueira no início do ciclo vegetativo, março/2026, Vale da Vilarça
Fotos por: Paulo Guedes



O microclima característico do Vale da Vilarça permite uma antecipação das culturas de cerca de 3 semanas, comparativamente com os concelhos que o rodeiam, o que o transforma numa região particularmente boa para a produção de frutos frescos.



Figura 105. Jovem pomar de figueiras, março de 2026, Vale da Vilarça
Foto por: Paulo Guedes

Mirtilos

Os pomares de mirtilos beneficiaram das condições meteorológicas favoráveis do mês de março, com as plantas a entrar em floração.



Figuras 106 e 107. Pomar de mirtilos e pormenor das abelhas na flor do mirtilo

Fotos por: Paulo Guedes

Pomóideas

Em março as pomóideas do **Douro Sul** começaram a abrolhar, encontrando-se maioritariamente nos estados de botão verde e ponta rosa, estimando-se que entrem em plena floração durante o mês de abril.



Figura 108. Macieira no estado de botão verde, 17.03.2026, Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca

Figuras 109 e 110. Macieiras no estado de botão verde (esq.) e de botão rosa (dir.), 17.03.2026, Britiande – Lamego

No Douro Superior, por ser mais quente, as pomóideas já se encontram em floração e as condições meteorológicas favoráveis nesta fase levam a que a carga de fruto vingado seja idêntica à do ano transato. Contudo, daqui para a frente tudo se poderá alterar, caso ocorram geadas ou contaminações por doenças como o Pedrado ou por ataques de *Polydrusus* spp. (“pedroto” ou “pedrolho”), que este ano não tem matas onde se refugiar e alimentar, encaminhando-se para os pomares e vinhas, onde se alimenta dos gomos durante a rebentação.

Contudo, nos locais mais frescos as podas ainda estão a ser concluídas e o controlo da vegetação infestante só foi realizado durante este mês, por aplicação de herbicida na linha de plantação e/ou por corte ou trituração na entrelinha. Alguns produtores deram início aos tratamentos fungicidas à base de cobre para prevenir a ocorrência de Pedrado (*Venturia inaequalis*), face à grande quantidade de inóculo remanescente do ano anterior, associada às condições de humidade existentes e ao facto das macieiras serem muito sensíveis à doença nesta fase de desenvolvimento.



Figura 111. Controlo de vegetação em pomar de macieiras (com herbicida), 17.03.2026, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 112 Controlo de vegetação em pomar de macieiras (com trituração), 17.03.2026, Britiande – Lamego

Durante este mês também foi possível constatar a aplicação de corretivos ao solo nos pomares de macieiras, nomeadamente de calcário.



Figuras 113 e 114. Pomares de macieiras onde foi aplicado calcário ao solo, 17.03.2026, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca

Sabugueiros

Apesar do abrolhamento dos sabugueiros da Beira Douro e Távora ter ocorrido cerca de um mês mais cedo que no ano anterior, o desenvolvimento manteve-se lento e neste momento apenas são visíveis pequenas inflorescências em algumas das plantas.



Figuras 115 e 116. Pomar de sabugueiros e pormenor de uma inflorescência, 17.03.2026, Meixedo – Salzedas
Fotos por: Suzana Fonseca

6 Vinha

6.1 Entre Douro e Minho



Figura 117. Parcela de vinha no início da rebentação (maioritariamente no estado fenológico E - folhas separadas), Ganfei - Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figuras 118 e 119. Pormenor de diferentes estados fenológicos presentes nas vinhas da região: "saída das folhas" (esq.), Verdoejo - Valença e "cachos visíveis", Pias - Monção, zona de observação do Minho

Fotos por: Aurora Alves

Na zona de observação do **Minho** (Alvarinho), as vinhas apresentam um desenvolvimento vegetativo semelhante ao verificado na mesma data de 2025, considerando-se atrasada relativamente a um ano normal. Existe uma grande heterogeneidade no desenvolvimento vegetativo, dependendo das castas e, principalmente, da época em que as videiras foram podadas.

A generalidade das vinhas estará entre o estado fenológico B – “gomo de algodão” – e o E – “folhas livres”. Excepcionalmente, encontram-se vinhas já com “cachos visíveis” (estado F).

O atraso no desenvolvimento e as condições meteorológicas não têm gerado condições para o aparecimento de doenças. No entanto, a subida das temperaturas do final do mês de março e o rápido crescimento dos rebentos obriga os viticultores à realização do primeiro tratamento fitossanitário nos primeiros dias de abril.

Nas restantes zonas de observação, as vinhas podadas recentemente ainda estão em dormência e as que foram podadas no mês de dezembro encontram-se entre o estado fenológico C – “ponta verde” – e o estado E – “folhas separadas” (com 3 a 4 cm de pânpano).

6.2 Trás-os-Montes

À semelhança de outras culturas permanentes na região transmontana, grande parte da vinha ainda se encontra em repouso vegetativo, com os produtores a aproveitar este período para terminar as podas, controlar as infestantes e aplicar adubos/corretivos ao solo.



Com a melhoria das condições meteorológicas sentida em março, o abrolhamento iniciou-se nalguns locais mais quentes, nomeadamente na Região Demarcada do Douro, sendo possível observar videiras no estado de ponta verde ou saída das folhas. Nas cotas mais baixas do Baixo Corgo, já é possível encontrar videiras com lançamentos superiores a 10-20cm e com cachos visíveis.

Figura 120. Videira no estado de saída das folhas, 03.03.2026, Penajóia – Lamego
Foto por: Artur Santos



Figuras 121 e 122. Vinha entre os estados de folhas separadas a cachos visíveis, 25.03.2026, Peso da Régua

Fotos por: Artur Santos

Nesta fase é importante dar início ao controlo fitossanitário, com aplicação de fungicidas com ação para o Oídio (em especial nas parcelas mais afetadas no ano anterior) e para as Doenças do Lenho (ver [Circulares de Avisos](#)).



Figuras 123 e 124. Controlo de vegetação em vinha, com aplicação de herbicida na linha, 17.03.2026, Armamar (esq.) e Samodães - Lamego (dir.)

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 125. Videiras tradicionais na saída das folhas, 17.03.2026, Samodães – Lamego

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 126. Videiras em pleno repouso vegetativo, 17.03.2026, Vilarinho de S. Romão – Sabrosa

No **Planalto Mirandês** os produtores continuam a realizar as podas de manutenção, bem como o controlo da vegetação infestante. Prova disso são os pontos de fumo visíveis à distância, resultantes das fogueiras para queima da lenha de poda.



Figuras 127 e 128. Vinha velha podada (esq.) e vinha jovem adulta a ser podada (dir.), 11.03.2026, Prado Gatão – Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins

7 Olival

7.1 *Entre Douro e Minho*

A zona de observação do **Vale do Lima** registou produções de azeitona muito superiores às do ano anterior.

A campanha foi marcada pela retoma da colheita por parte de muitos agricultores, que em anos anteriores tinham desistido devido à escassez de azeitona e ao esforço exigido pela colheita. Nesta zona de observação existe um único lagar aberto a receber azeitona, nomeadamente o lagar de Bravães, em Ponte da Barca. Este lagar recebeu azeitona de todos os concelhos do Vale do Lima, do concelho de Monção e de concelhos do Vale do Cávado (Barcelos e Vila Verde).

Dos três lagares que existem na zona de observação do Cávado, dois laboraram azeitona proveniente da região e de Trás-os-Montes (TM), enquanto o terceiro (Gilmonde) laborou exclusivamente azeitona/azeite proveniente de TM.

Os resultados da produção de azeite divergem de lagar para lagar, mas em média podem considerar-se rendimentos razoáveis, com bom grau de acidez.

Nos lagares de Cossourado e de Amares a quantidade de azeitona laborada proveniente de TM tem como objetivo rentabilizar a atividade e satisfazer as necessidades dos clientes. No lagar de Arco de Baulhe, concelho de Cabeceiras de Basto, zona de observação do Ave, foi laborada azeitona proveniente de vários concelhos.

A estimativa aponta para um grande aumento da produção de azeite, em relação ao ano passado (4,4 vezes mais).

7.2 Trás-os-Montes

Em Trás-os-Montes os produtores de azeitona estão a terminar as podas nos olivais, numa fase em que as árvores saem do período de repouso vegetativo e entram na fase de abrolhamento e quebra da dormência dos gomos florais. Em resultado do elevado número de horas de frio que se fez sentir este inverno prevê-se uma boa floração, com sincronização do abrolhamento dos gomos florais e polinização simultânea. Se as condições meteorológicas forem favoráveis e o vingamento dos frutos decorrer com normalidade, tudo indica que este possa ser um bom ano de produção de azeitona.

Em campo já é possível observar, nas variedades mais precoces, o desenvolvimento dos gomos nas axilas das folhas.

Na **Terra Quente** as podas já se encontram terminadas, com alguns produtores a pulverizar adequadamente as árvores com produtos à base de cobre, para prevenir a entrada dos fungos pela zona dos cortes. Também foram realizadas as mobilizações de solo, no sentido de controlar as infestantes.



Figura 129. Conclusão da poda em olival, março de 2026

Fotos por: Paulo Guedes



Figura 130. Olival podado e mobilizado, março de 2026

O olival reiniciou a sua atividade vegetativa e apresenta-se em vários estados fenológicos, desde o aparecimento dos botões florais, até à mudança de cor da corola.

Nos olivais dos concelhos situados a cotas superiores (Vila Flor, Alfândega da Fé e Macedo de Cavaleiros), as árvores estão mais atrasadas, encontrando-se ainda em botão/gomo de inverno.

Nas zonas mais abrigadas (Mirandela e Vale da Vilariça) e nas zonas mais soalheiras, as oliveiras encontram-se no desenvolvimento dos gomos florais – estado B.



Figura 131. Oliveira com botões florais visíveis, março de 2026

Foto por: Paulo Guedes

8 Prados, pastagens e culturas forrageiras

8.1 *Entre Douro e Minho*

A prolongada saturação dos solos foi a maior condicionante ao desenvolvimento da generalidade das culturas forrageiras.

Também terá sido um dos fatores que levou a uma diminuição da área semeada, relativamente ao ano anterior (-5% na aveia forrageira e nas raízes e caules forrageiros e -2% na área semeada com azevém anual e consociações forrageiras).

Estima-se que a área de pastagens semeadas seja igual à do ano passado.

As consociações anuais e o azevém anual apresentam estádios de desenvolvimento muito diferenciados, consoante a data de sementeira e o tipo de solos. Encontramos boas forragens, com bom crescimento, de aspeto verde-escuro, sementeiras heterogéneas com partes bem desenvolvidas, mas a maior parte estão fracas, com sementeiras pouco desenvolvidas e já na fase de espigamento do azevém.



Figura 132. Consociação de azevém e trevo, Oliveira de Azeméis, zona de observação de Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia



Figura 133. Azevém anual, Oliveira de Azeméis, zona de observação de Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia



Figura 134. Azevém muito pequeno, na fase de início do espigamento, Oliveira de Azeméis, zona de observação de Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia



Figura 135. Consociação azevém x triticale, com bom desenvolvimento vegetativo, março 2025, Verdoejo – Valença, zona de observação do Minho
Fotos por: Aurora Alves



Figura 136. Mesma parcela, com a mesma consociação e semelhante desenvolvimento, março 2026

A aveia forrageira foi a espécie mais afetada por ser sensível ao excesso de água. Com o regresso do tempo seco e do aumento da temperatura, após a adubação de cobertura, as culturas têm excelentes condições para se desenvolverem. Os produtores esperam uma recuperação das forrageiras, mas é garantido que haverá menor produção, devido à redução da área semeada.



Figura 137. Azevém forrageiro com bom desenvolvimento vegetativo, Ganfei – Valença, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves



Figura 138. Bovinos a pastorear em zona de montanha, com lento desenvolvimento vegetativo, sistelo, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figura 139. Bovinos de raça Barrosã a pastorear pastagens permanentes melhoradas, Rio Douro – Cabeceiras de Basto, zona de observação do Ave

Foto por: Jerónimo Côrte-Real Santos



Figura 140. Ovinos a pastorear, Sistelo, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

As espécies vegetais que entram na composição de prados e pastagens temporárias e permanentes de sequeiro retomam agora o seu desenvolvimento.

As pastagens pobres apresentam um normal desenvolvimento vegetativo, uma vez que houve pouca geada e as temperaturas no final do inverno foram amenas.

Nos baldios do EDM há alimento suficiente para o pastoreio do efetivo local, mas como são solos com muita turfa e nascentes, há áreas encharcadas.

Mantém-se idêntico o contributo das forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais na alimentação animal, relativamente a igual período do ano anterior. As explorações pecuárias intensivas dispõem de alimentos próprios conservados, para fazer face às necessidades de arraçoamento dos animais - há agricultores com forragens armazenadas que dão para dois anos.

Muitos semearam, não tanto pela necessidade da forragem, mas para manter a terra limpa e porque preferem manter uma reserva considerável, minimizando os riscos da ocorrência de anos consecutivos de baixas produções.

8.2 Trás-os-Montes

As pastagens da **Terra Fria** disponibilizam matéria verde, quer seja para pastoreio direto, quer seja para corte e já oferecem condições físicas para a prática do pastoreio – mesmo nos lameiros localizados em solos de aluvião, os terrenos já drenaram o excesso de água. A vegetação herbácea não teve um crescimento significativo durante este mês e, quando comparado com igual período do ano anterior, está mais pequena em altura, menos densa e com uma cor mais amarelada. Segundo os produtores, este estado de desenvolvimento é justificado pelo excesso de água no solo e pelas temperaturas baixas registadas até à data.

Alguns produtores declararam já ter realizado as adubações nos lameiros que pretendem reservar para corte de feno.

Quando comparado com igual mês do ano anterior, é notória uma pequena diferença no estrato vegetativo destas culturas, podendo este ser um indicativo de menor quantidade de matéria verde (ver fotos 141 a 144). As condições atmosféricas da primavera serão muito importantes para o desenvolvimento das pastagens, seja das espontâneas ou das semeadas, assim como das restantes forrageiras que foram semeadas no outono/inverno.



Figura 141. Pastagem permanente de sequeiro, 14.03.2025, Gimonde - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 142. Pastagem permanente de sequeiro, 18.03.2026, Gimonde - Bragança
MESMA PARCELA



Figura 143. Pastagem pobre de sequeiro, 14.03.2025, Gimonde - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 144. Pastagem pobre de sequeiro, 18.03.2026, Gimonde - Bragança
MESMA PARCELA

Os produtores pecuários declaram que em março reduziram a quantidade de alimento concentrado fornecido às diferentes espécies pecuárias. Durante o mês já foi possível observar a presença, quase diária, dos diferentes efetivos pecuários da região a pastorear no campo, desde que os dias estivessem pouco nublados e sem vento.

Nas agueiras dos lameiros de regadio ainda escorre água e os produtores fazem a limpeza não só dessas estruturas, mas também das bordaduras das parcelas e das árvores lá existentes, aproveitando as condições meteorológicas para queimar os sobrantes.



Figura 145. Pastagem pobre de sequeiro, 14.03.2025, Gimonde - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 146. Pastagem pobre de sequeiro, 18.03.2026, Gimonde - Bragança



Na região também é possível observar parcelas com a vegetação herbácea queimada. O fogo foi sempre uma técnica usada para a renovação natural das pastagens permanentes e dos restolhos. Os pousios oferecem excelentes condições para a prática do pastoreio, onde é frequente ver os rebanhos de ovinos e caprinos (ver foto 148).

Figura 147. Uso do fogo para regeneração natural de uma pastagem permanente de sequeiro, S. J. Palácios – Bragança
Foto por: Anabela Coimbra



Figura 148. Caprinos em pastoreio numa parcela de pousio agronómico, Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 149. Bovinos mirandeses em estábulo, Vila Meã - Bragança

As culturas forrageiras misturas de cereais com leguminosas (fotos 150 e 151) e as pastagens temporárias semeadas (fotos 152 e 153) apresentam um fraco desenvolvimento vegetativo e, quando comparadas com igual período do ano anterior, estão mais atrasadas no seu ciclo. Esse atraso é cada vez mais notório, tendo-se acentuado ao longo do mês de março.

O elevado teor de água no solo e a disponibilidade hídrica máxima são fatores de extrema importância no apoio à recuperação do desenvolvimento destas culturas, após a aplicação (já realizada) de adubo azotado, desde que a primavera seja amena e com alguma precipitação.

No entanto, prevêem-se produtividades inferiores às do ano anterior.

Apesar de tudo isto, os produtores pecuários e os produtores de forragens continuam confiantes no setor pecuário



Figura 150. Cultura forrageira mistura de triticale e leguminosas, 14.03.2025, Gostei - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 151. Cultura forrageira mistura de triticale e leguminosas, Gostei - Bragança
MESMA PARCELA



Figura 152. Cultura forrageira mistura de triticale e leguminosas, 14.03.2025, Gostei - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 153. Cultura forrageira mistura de triticale e leguminosas, Gostei - Bragança
MESMA PARCELA

Relativamente às culturas forrageiras, verifica-se um aumento da área de tremoço e de azevém forrageiro nos concelhos de Bragança e Vinhais e a manutenção da área de consociações, prevendo-se contudo uma ligeira diminuição da área de aveia forrageira. Os efetivos pecuários mantêm-se estáveis no que toca ao número de explorações, com aumento do número de animais por exploração.

No **Planalto Mirandês** março foi um mês decisivo para os prados e para as pastagens, tendo-se registado uma evolução vegetativa das plantas, embora não tanto quanto o desejado. Em resultado do aumento das temperaturas, do maior número de horas de sol e de precipitações mais moderadas, as culturas desenvolveram-se, mas ainda não providenciam tanta matéria verde quanta a existente em igual período de 2025, perspetivando-se que a melhoria do tempo das últimas semanas resulte na melhoria do seu crescimento e vigor.

É considerável no entanto, a diferença no estado e na cor da vegetação, sobretudo nalgumas parcelas que já permitem o pastoreio do gado e nas quais já se observaram os animais a pastar, sem necessidade de recurso quase exclusivo a rações ou fenos – situação recorrente em animais estabulados, onde foi necessário recorrer a este manejo alimentar, por redução da disponibilidade de matéria verde.



Figuras 154 e 155. Parcela de aveia forrageira em 09.02.2026 (esq.) e em 11.03.2026 (dir.), Prado Gatão – Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 156 e 157. Aspeto da aveia das fotos anteriores em 09.02.2026 (esq.) e em 11.03.2026 (dir.), Prado Gatão – Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 158 e 159. Cultura forrageira, mistura de trevo, gramíneas espontâneas e aveia, importante para introduzir nitrato no solo, e rica em proteína e nutrientes, em 09.02.2026 (esq.) e em 11.03.2026 (dir.), Prado Gatão – Miranda do Douro
Fotos por: Miguel Martins



Figuras 160 e 161. Aspecto da cultura forrageira das fotos anteriores, em 09.02.2026 (esq.) e em 11.03.2026 (dir.), Prado Gatão – Miranda do Douro
Fotos por: Miguel Martins



Figuras 162 e 163. Parcela de lameiro onde é evidente a recuperação do desenvolvimento vegetativo entre 09.02.2026 (esq.) e 11.03.2026 (dir.), Brunhosinho – Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins



Figuras 164 e 165.Parcela de pastagem permanente em 09.02.2026 (esq.) e 11.03.2026 (dir.), Brunhosinho - Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins



Figuras 166 e 167.Parcela de lameiro em 16.02.2026 (esq.) e 11.03.2026 (dir.), Penas Roias - Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins

9 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção

Ano Agrícola 2024/2025

Tabela 1. Evolução da produção de azeite, comparativamente ao ano anterior

Localização	%	hl
Entre Douro e Minho	441	2 156
Basto	125	156
Cávado	436	1 219
Entre Douro e Vouga	350	98,2
Vale do Lima	1 200	683
Trás-os-Montes	75	150 616
A. Tâmega e Alvão P.	75	25 205
Beira Douro e Távora	87	9 620
Corgo e Marão	88	7 990
Douro Superior	74	29 956
Planalto Mirandês	95	14 727
Terra Fria	65	6 756
Terra Quente	71	56 361
Região Norte	76	152 771

Ano Agrícola 2025/2026

Tabela 2. Evolução da área semeada de cevada e produtividade dos restantes cereais praganosos para grão, comparativamente ao ano anterior

Localização	Cevada		Aveia		Centeio		Trigo		Triticale	
	%	ha	%	Kg/ha	%	Kg/ha	%	Kg/ha	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho	-	-	91	694	99	696	95	664	-	-
Ave	-	-	80	505	99	580	-	-	-	-
Basto	-	-	80	390	100	733	100	900	-	-
Cávado	-	-	100	682	100	705	-	-	-	-
Entre Douro e Vouga	-	-	93	1 174	100	697	-	-	-	-
Grande Porto	-	-	83	684	100	423	-	-	-	-
Ribadouro	-	-	100	556	100	738	100	604	-	-
Vale do Lima	-	-	100	776	100	727	-	-	-	-
Vale do Minho	-	-	100	972	100	806	-	-	-	-
Vale do Sousa	-	-	100	837	100	797	-	-	-	-
Trás-os-Montes	99	121	104	1 040	97	1 210	94	1 347	96	1 348
A. Tâmega e Alvão P.	82	7	110	776	100	1 318	99	1 308	100	1 260
Barroso	-	-	100	663	100	1 167	100	1 100	-	-
Beira Douro e Távora	-	-	101	893	114	1 731	-	-	-	-
Corgo e Marão	-	-	104	848	109	1 299	-	-	-	-
Douro Superior	111	8	124	1 050	105	1 157	100	1 312	100	665
Planalto Mirandês	100	47	96	958	95	983	93	1 295	95	1 287
Terra Fria	100	36	90	1 080	90	1 260	94	1 544	95	1 581
Terra Quente	98	23	149	1 342	106	1 089	97	1 363	120	1 320
Região Norte	99	121	103	1 016	97	1 198	94	1 343	96	1 348

Tabela 3. Evolução da área plantada de batata

Localização	Batata-Regadio		Batata-Sequeiro	
	%	ha	%	ha
Entre Douro e Minho	98	1 826	96	386
Ave	96	290	100	29
Basto	100	174	96	4
Cávado	94	219	92	98
Entre Douro e Vouga	100	112	100	22
Grande Porto	100	208	100	64
Ribadouro	100	388	90	8
Vale do Lima	97	127	96	114
Vale do Minho	98	77	99	27
Vale do Sousa	100	232	90	19
Trás-os-Montes	95	2 636	96	637
A. Tâmega e Alvão P.	100	654	100	80
Barroso	100	99	100	97
Beira Douro e Távora	91	350	90	34
Corgo e Marão	93	257	91	41
Douro Superior	70	222	78	59
Planalto Mirandês	100	266	100	111
Terra Fria	100	305	100	146
Terra Quente	100	482	100	70
Região Norte	96	4 462	96	1 023